

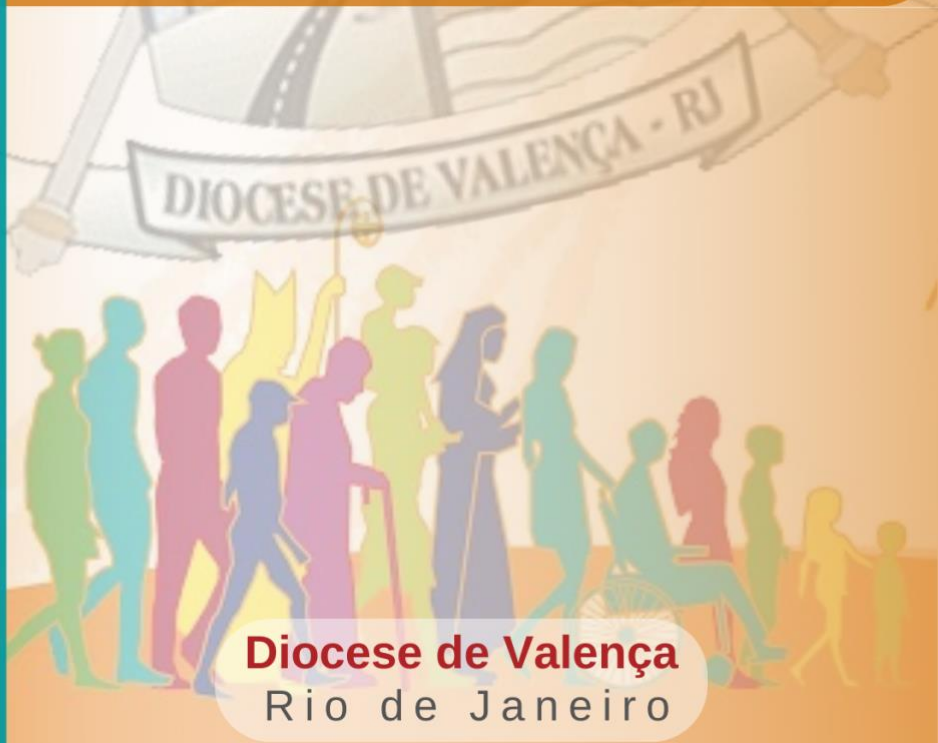


**Sínodo**  
**2021**  
**2023**

*"Por uma Igreja sinodal:  
comunhão, participação  
e missão"*

# **Texto Final**

**FASE DIOCESANA**



**Diocese de Valença**  
Rio de Janeiro

## Introdução

A Diocese de Valença-RJ, acolheu com alegria a intenção do Sínodo 2023, em sua Fase Diocesana de “escuta” das diversas realidades na Igreja. Vivemos todo o processo no espírito da IX<sup>a</sup> Assembleia Diocesana de Pastoral (2019-2021), que teve como objetivo final a elaboração e a aprovação do PLANO DIOCESANO DE PASTORAL.

Assumido pela Coordenação Diocesana de Pastoral, sentimos este trabalho como um grande desafio. Confundido e muito com outras iniciativas de escuta e acolhimento de pensamentos realizados por instâncias diferentes na Igreja ao mesmo instante, a Fase Diocesana do Sínodo quase que se tornou um mero trabalho burocrático a ser elaborado e entregue.

A luz de uma iniciativa de comunhão e participação, e visando em tudo a missão da Igreja e na Igreja, viabilizamos o trabalho de aprofundamento inicial para o Sínodo e os seus objetivos. A partir daí, vieram as formações direcionadas e os apontamentos concisos, todos após a conclusão da Assembleia Diocesana. Somente em princípio de 2022 apresentamos aos diocesanos as questões à serem trabalhadas pelo Sínodo.

Organizou-se, a princípio, um ‘Questionário virtual’ que visou a facilidade ao acesso para as respostas, no entanto, logo nos primeiros dias, houve pouca contribuição e percebemos que as questões eram por si, desafiadoras por demais aos que se prontificaram em respondê-las. Numa avaliação primária ao que já havíamos recebido como respostas, notamos questões muitos pessoais e diretas à um único propósito eclesial, distanciando-se da intenção do tema da *sinodalidade*. Revendo o planejamento de trabalhos, optamos em seguir, mas fazendo valer o pensamento não apenas de alguns, dos quais já considerávamos ofensivos e evasivos.

Houve no processo, paróquias e grupos que, além de uma resposta objetiva ao que se perguntava, apresentaram também, considerações seguras de um pensar a Igreja com a Igreja, fato que nos chamou a atenção, pois vieram de encontro ao que já considerávamos anteriormente no desenrolar da Assembleia Diocesana.

Como em todo processo de trabalho, houveram também as dificuldades que, a princípio, pareciam querer estacionar toda iniciativa sem resultados, mesmo que sem coesão. Percebeu-se a carência e dificuldade de muitos em acompanhar as questões apresentadas, inclusive clérigos. Além dos conceitos distantes das realidades, as estruturas pastorais e de movimentos, muito seguras de seus pensamentos e que nada ou pouco querem mudar, como que travando o avançar das respostas, apresentaram somente e de forma incisiva um simples “sim, sim” e “não, não”. Consideramos também a insatisfação apresentada por parte de grupos e até pessoas que manifestaram que o processo era mais um trabalho repetitivo, o que gerou desencanto ao que já se podia estar concretizado; outros consideraram como mais um atividade e iniciativa parecida de outros momentos, visto que já estava em curso a “escuta” para a Assembleia latino americana. Acreditamos que o maior desafio no processo se deu, justamente, no tema da *sinodalidade*, que se tornou uma “palavra de eventos”, muito bonita de se dizer, mas que não passa dos momentos ao qual está sendo apresentada.

Portanto, como resultado final obtido em nossa Igreja Particular, apresentamos o que já pontuávamos como essencial na caminhada da Diocese. É fato que não há muitas novidades, ou quase nenhuma, mas viabilizando o essencial, apresentamos a seguir, as respostas que, após as considerações e os encaminhamentos da equipe, que aconteceu em quatro etapas: *Relatório 1*, contendo as respostas recebidas no ‘questionário virtual’ ou via e-mail e consideradas *ipsis litteris*; *Relatório 2*, contendo a consideração do que sobressaiu como sendo importante em cada questão; e o Relatório 3, que foi a última consideração da equipe responsável, antes de obtermos o resultado final, que vemos a seguir.

**QUESTÃO FUNDAMENTAL 1 - Anunciando o evangelho, uma igreja sinodal “caminha em conjunto”. Como é que este “caminhar juntos” se realiza hoje em nossa paróquia e na diocese (experiências concretas, alegrias, dificuldades, obstáculos...)?**

---

O “caminhar juntos” nas paróquias e Diocese se realiza em ações solidárias promovidas pelas comunidades, seja no acolhimento dos que chegam ou na empatia com denominações religiosas diferentes. Se realiza ainda, de forma tal que, cada irmão ajuda e apoia os outros que estejam com dificuldades determinadas.

Como ação concreta vemos como fundamental, a valorização dos conselhos pastorais em suas diversas instâncias; a valorização do laicato em suas diversas atividades, dentro e fora da Igreja; a setorização das paróquias em áreas menores e as festas da unidade paroquial; as visitas e o intercâmbio entre as comunidades nos festejos dos seus padroeiros; o empenho incisivo aos padres, religiosos e leigos na promoção da comunhão. Todavia, faz-se necessário o aprimoramento do conceito de comunhão e *sinodalidade*, onde todos possam estar, de fato, incluídos na Igreja e com a Igreja.

Quanto as dificuldades, vemos o individualismo e o descompromisso de determinados grupos e pastorais que, ainda se fecham aos seus conceitos, pensamentos e ideias; a falta de diálogo e unidade entre os diversos grupos; a aceitação de uma mudança de conceitos em prol do melhor à comunidade e à evangelização; a perda do senso de pertença e comunhão com a Diocese e as suas estruturas de regional, vicariato ou cidades; a falta de lideranças religiosas e de leigos que deem sentido e profundidade à unidade; a ânsia do laicato por formação e capacitação; o crescimento das estruturas paroquiais sem um prévio planejamento, conciso para a administração e a evangelização; o clericalismo e o laicismo; o pedantismo de alguns dos novos padres que desvaloriza o outro, com indiferenças e até sem caridade; o trânsito religioso de fiéis entre as diversas realidades paróquias, visando apenas os interesses próprios; e relegada formação para o laicato; a extinção de algumas pastorais e movimentos que visam a formação da consciência cidadã para uma verdadeira inserção na sociedade a luz da fé.

**QUESTÃO FUNDAMENTAL 2 - Que passos o Espírito nos convida a dar para crescermos em nosso “caminhar juntos” (pontos a continuar, perspectivas de mudança, caminhos que se abrem...)?**

---

O Espírito Santo nos impulsiona para uma vida de comunhão, sempre com mais unidade, partilha, fraternidade e participação consciente, na estrita e verdadeira comunicação com as demais iniciativas, pastorais e movimentos. Para tal, somos chamados a constituir lideranças firmes, preparando-as com o seu devido valor, a fim de que cresçam e se tornem cristãos melhores. Ao mesmo tempo, somos impulsionados pelo Espírito a dar passos nas comunidades e paróquias que, de alguma forma, possa atingir também, toda a Diocese, pois somos um corpo, seja na formação à uma catequese cada vez mais pastoral, promovendo novas lideranças aos círculos bíblicos, as Escolas Bíblicas, as noites de formação e uma formação teológico-pastoral.

Devemos, nos atentar sempre à uma Igreja em saída e nunca, jamais, perder o exemplo das primeiras comunidades; redescobrir a vida da paróquia como rede de comunidades, revitalizando as pastorais e os movimentos. Faz-se necessário assim, descentralizar e deixar de ser uma igreja burocrática, com muitos papéis, textos, documentos e pouca ação comum; abrir o horizonte à uma Igreja ainda mais atenta às necessidades do tempo presente, sem o viés ideológico ou político; nos envolver e valorizar o processo de iniciação a vida cristã; fazer opção e ter mais afeto por aqueles que estão à margem da sociedade, promovendo à eles, maior acolhimento; inserir as pessoas na vida e estrutura da comunidade levando-os à

uma maior consciência de uma simples presença; valorizar mais a formação presbiteral ao ponto de ajudar os futuros padres à serem pastores e promotores que ajudam as pessoas a crescer e caminhar.

Portanto, como caminhos que se abrem a nossa frente, temos a necessidade de edificar as bases pastorais nos diversos âmbitos da Igreja; priorizar uma maneira coesa de unidade e tempo conciso de formação para a recepção dos sacramentos; ter maior consciência quanto ao processo de discernimento vocacional nas paróquias e maior abertura à recepção e acolhimento de novos ministros ordenados, como exemplo, o diaconato permanente e o ministério do catequista; valorização das diversas expressões de piedade popular que fazem parte da fé, da vida e do coração nosso povo; maior valorização e apoio à formação permanente de um laicato consciente; aprofundar o conhecimento da Palavra, da Liturgia e o relacionamento com os irmãos.

### **QUESTÃO TEMÁTICA 1 - Na Igreja e na sociedade, estamos no mesmo caminho, lado a lado. Quem são os que “caminham juntos” conosco? Quais pessoas ou grupos são deixados à margem?**

---

De fato, estamos no mesmo caminho, lado a lado, mas nem todos têm esta mesma compreensão. Este “caminhar juntos”, é perceptível quando os que, verdadeiramente aderem a Jesus Cristo, O testemunham nos diversos ambientes que frequentam, o projeto salvífico que professam. Mesmo assim, parece que, em muitos momentos, estamos na contramão da sociedade, como que em caminhos opostos. Este fato se confirma quando as pessoas trabalham em prol de si mesmas e não da comum união. Por termos um território e realidade plural, vemos as dificuldades numa atuação mais específica de comunhão, que leva a fragmentação de ideias e projetos.

Em geral, os que caminham conosco, estão mais ligados a nós, seja nas pastorais e nos movimentos eclesiais. Estes nós conhecemos bem: bispos, padres, leigos engajados, os fiéis que formam a comunidade - ministros, líderes e agentes pastorais. Estão conosco os setores que acreditam e atuam para a construção de vida digna a serviço do Reino e não se deixam levar pelo mundo e são fortalecidos na fé que professam; também cristãos de diferentes denominações e até não cristãos que encontramos nas famílias, universidades, escolas, no mundo do trabalho, associações etc.

Todavia, apesar de passos positivos de acolhimento, ainda ficam a margem os mais pobres, os excluídos socialmente, os marginalizados, os vulneráveis, as pessoas em vulnerabilidade social, parte das juventude, especialmente os envolvidos com as drogas, outras dependências, a prostituição e os presidiários; as famílias desestruturadas e fora dos padrões normais, mães solteiras, casais divorciados e em segunda união, e até pessoas deficiências físicas; os idosos que já foram pilares para a igreja e determinado tempo e até os viúvos; enfermos em geral - portadores de HIV, imunodeprimidos, pessoas com problemas mentais e psiquiátricos; as pessoas do mesmo sexo que possuem uma relação homoafetiva e pertencem a grupos LGBTQIA+; afrodescendentes e pessoas de religião com matriz africana; os que são e pensam diferente e não comungam da mesma fé; os que não se encaixam nos padrões e modelos da doutrina e moral; os que ainda não participam da comunidade eclesial; pessoas que ocupam os cargos públicos; os individualistas, acomodados, ateus e agnósticos.

**QUESTÃO TEMÁTICA 2 - A escuta é o primeiro passo e requer que estejamos abertos. Como são ouvidas as pessoas na Igreja? Há preconceitos? Como ouvir melhor quem temos em “dívida de escuta”?**

---

Constata-se, ainda, a grande dificuldade em se exercitar a escuta na Igreja. Escuta-se o que quer e o que for conveniente. Temos ainda a tendência em valorizar apenas os que querem ser o porta-voz dos demais. Há pouco tempo para se escutar, descasos, impaciências, e também rigorismos para este ato. Se escuta na Igreja, através de um contato direto com os padres, hoje facilitado com as novas tecnologias (redes sociais, internet) e com os agentes de pastoral (catequistas, coordenadores de comunidades, pastorais sociais, grupos de jovens, etc). Esta escuta se dá através de encontros na comunidade, nas missas e até celebrações. Neste sentido, as secretarias paroquiais são porta de entrada para escutar as pessoas que procuram a Igreja. Nas Assembleias e nos conselhos pastorais, vemos um espaço privilegiado para a escuta comunitária e democrática, bem como as reuniões das pastorais e movimentos.

Todavia, o preconceito existe, especialmente com os que não sabem se expressar por algum motivo ou outro, em particular os mais pobres, fragilizados e simples das comunidades. Além do preconceito, vemos a vaidade dos que escutam e a baixa autoestima dos que falam como problemas. Há dificuldade de se ouvir e acolher os jovens que, logo se afastam, antes mesmo de serem ouvidos.

Pode-se, promover a “pastoral da escuta” para sanar esta dívida e dificuldade na comunicação entre o povo e a hierarquia e assim, superaríamos os casos de abuso de poder por parte dos clérigos e leigos, constituindo uma equipe atenta a realidade e ajuda ao padre neste processo e atitude de escuta com coração e mente aberta, com amor, sem julgamentos e medos, e acima de tudo empatia que favorece a acolhida das pessoas; favorecendo uma pastoral da escuta, com pessoas devidamente preparadas, formadas para a liderança, com espírito de pertença e de missão eclesial e tenham vocação e dom para escutar - profissionais como psicólogos, advogados, médicos, psiquiatras etc. Há a necessidade de se exercitar a prática da paciência e superação da arrogância, da prepotência, de imposições, moralismos e conservadorismos, pois a Igreja deve ser simples e acolhedora. Que as secretarias paroquiais estejam preparadas para o primeiro contato de quem procura a Igreja.

**QUESTÃO TEMÁTICA 3 - Todos são convidados a falar com coragem, liberdade, verdade e caridade. Como vai a comunicação na comunidade e quem fala em nome dela? Como promovê-la melhor?**

---

A comunicação necessita atingir a comunidade paroquial. Com o avanço da tecnologia e das redes sociais, a comunicação se ampliou, mas pode cair no perigo da impessoalidade presente nas mídias sociais. Os ministros ordenados, como representantes primeiros da comunidade eclesial, são os seus comunicadores por excelência e, dentro do espírito de comunhão e pertença, os leigos também assumem este protagonismo, dentro e fora da comunidade, sendo sal da terra e luz no mundo, nos diversos ambientes da sociedade onde estejam inseridos. As lideranças desempenham um protagonismo fundamental na construção de uma comunicação direta e isso possibilita um despertar de novas lideranças por meio de uma comunicação que fascina outros a assumir na sua comunidade as responsabilidades em prol do Reino de Deus.

A caridade na comunicação e na escuta é de suma importância, pois sem elas o Evangelho não se difunde e alcança o seu objetivo, e assim, comunicaremos algo desconexo da realidade, e por vezes, transformando-o apenas em simples informação. Algumas lideranças, precisam

entender que se algo não vai bem, a culpa nem sempre é daquele comunica, e sim, dos que não assumem o dever de fazer as coisas acontecerem para o bem da comunidade.

Assim, para a promoção de uma melhor comunicação na comunidade, os conselhos pastorais deverão ser valorizados como verdadeiros e privilegiados espaços de fraterna comunhão, mas devemos nos atentar a não transformar o conselho em uma reunião de agenda e organização de eventos; não se deve fugir da missão principal dos conselhos que é prover o anúncio alegre da boa nova do Evangelho. Vemos a presença dos padres nas comunidades como sendo importantes na comunicação, mas todos os batizados devem assumir este compromisso, como promotores da fé e da verdade, no empenho de promover diálogos profundos e frutuoso nos vários setores da sociedade.

Portanto, precisamos de investimentos na formação de lideranças, e empenho daqueles que, pela Ordem, são líderes importantes em seus territórios, e comunicadores da mensagem de Deus na Sua Igreja. Hoje, mais do que nunca, faz-se necessário estar nas escolas, hospitais, presídios...

#### **QUESTÃO TEMÁTICA 4 - “Caminhar juntos” só é possível na escuta comunitária da Palavra e na Eucaristia. Como promover a participação ativa de todos na Liturgia? Valorizamos os ministérios leigos**

---

A Liturgia como expressão do mistério pascal de Cristo, precisa, em tudo, ser compreendida como ápice da fé da Igreja. A participação, frutuosa e consciente de todo povo Deus passa pela compreensão que a liturgia é encontro e comunhão com este Deus que através desta ação nos permite passar da morte para a vida. A Liturgia é então, a ação do povo, servindo e glorificando a Deus, em união com Jesus Cristo, no Espírito Santo. Por isso, liturgia não é improvisado, ou gosto pessoal voltado a um sentimentalismo desconexo da mistagogia do bem celebrar, mas um compromisso de amor a Cristo e a sua Igreja. O ministério dos leigos na Igreja e no seu serviço a liturgia, precisa ser cada vez mais compreendido a partir do seu protagonismo batismal. A sua presença na Igreja não consiste em apenas desempenhar uma função, e sim, buscar na formação, o suporte para ajudar a sua comunidade a crescer, pautada numa espiritualidade mistagógica que exalte o mistério Pascal de Cristo, o único que deve sobressair. A participação ativa acontecerá quando houver compromisso com a formação permanente no sentido de celebrar o mistério pascal de Cristo, sem achismos ou rubricismos. A Liturgia, no momento, transformou-se numa distribuição de tarefas, onde não existe mais a devida preparação e a vivência daquilo que se deseja celebrar. Percebe-se, com alegria, os avanços na aceitação e participação nas celebrações conduzidas por leigos, mas ainda impera a dificuldade na renovação dos mesmos, pois faltam pessoas comprometidas com a comunidade e no seu serviço.

#### **QUESTÃO TEMÁTICA 5 - Como promover que cada batizado assuma seu protagonismo e participe? Como apoiar a missão dos que estão a serviço da sociedade (política, ensino, ciência, justiça social...)?**

---

São poucos os batizados comprometidos com seu batismo e muitos não têm consciência de sua atuação, no entanto, faz-se necessário despertá-los a consciência para uma maior responsabilidade e participação. O diálogo é o apoio na construção de um mundo melhor e mostra que em todos os setores a missão evangélica deve estar presente, neste sentido, a formação se faz muito importante, onde estimule os fiéis leigos a serem atuantes na sociedade com um verdadeiro testemunho Cristão. Devemos eliminar os preconceitos e

os partidarismos, para que o protagonismo seja assumido, e para colocar o pé no caminho é preciso se autoconhecer, se formar, se apaixonar por aquilo que testemunhamos.

Apoiamos a missão dos que estão a serviço da Igreja na sociedade incentivando a participação, principalmente nos pequenos grupos; apoiando a participação dos cristãos leigos nos conselhos municipais; qualificando os leigos numa formação cabível; apoiamos estando presentes num acompanhando, mesmo que estritamente espiritual e dando espaço para a escuta de todos; e por fim, promovendo “discussões” sobre os vários e emergentes assuntos.

### **QUESTÃO TEMÁTICA 6 - Como promovemos o diálogo e a solidariedade na Igreja e sociedade? Como isso se dá entre comunidades vizinhas? E nas divergências entre os grupos na mesma comunidade?**

---

Dialogar solidariamente na Igreja e sociedade deve ser um processo maduro e de profunda e verdadeira comunhão, mas não desconsideremos as barreiras e os limites em construí-los. Tendo em vista a espiritualidade que nos move, considerando que não somos uma organização de pessoas ou um clube com vários associados. A Campanha da Fraternidade tem sido um forte instrumento de diálogo com a sociedade e também a possibilidade para que as pessoas tenham acesso ao que é de direito junto a DPU – Defensoria Pública da União com o apoio das paróquias.

Quanto as divergências entre comunidades vizinhas, o conselho pastoral e o diálogo é sempre a melhor maneira de superá-las; através de eventos, onde há participação de todos; em momentos que se tem como base o respeito e a escuta; compreendendo as dores e os lamentos do povo, inserindo-os nesta sociedade diversificada e desafiadora; sendo comunidades solidárias umas com as outras, cada qual com seu carisma, sua participação, seu ouvir, seu olhar, sua atenção e sua alegria.

Sobre as divergências dos grupos na mesma comunidade, é possível superá-las com um profundo e verdadeiro diálogo, primeiramente com o sacerdote e os seus coordenadores, num trabalho dinâmico e que envolva treinamento e espírito de equipe. Deve-se tomar cuidado quanto fundamentalismo religioso crescente nas redes sociais.

### **QUESTÃO TEMÁTICA 7 - O diálogo entre cristãos de diferentes confissões, mas unidos por um único Batismo. Quais experiências e frutos colhemos da caminhada ecumênica? Quais as dificuldades?**

---

Os frutos do diálogo ecumênico são poucos, ou quase nenhum, pois há dificuldades de diálogo neste sentido, embora existam muitos gestos concretos de caridade, fraternidade, de luta por direitos e construção do Reino de Deus através de iniciativas ecumênicas. De maneira concreta, vemos a realização de cultos e celebrações, a celebração da vida na Pastoral da Criança e os Círculos Bíblicos. Estas são algumas experiências e frutos colhidos, com a certeza da verdade e da união entre irmãos.

Quanto as dificuldades, predominam os preconceitos e falta de escuta e o desejo de estar junto ao outro.



**QUESTÃO TEMÁTICA 8 - Como se exerce a autoridade e como funcionam os diversos conselhos e organismos de sinodalidade na Igreja? Como melhorar para que todo fiel assuma sua responsabilidade?**

---

Na igreja, a autoridade é exercida de forma participativa, através da escuta atenciosa, na qual, todos são convidados à um posicionamento. Baseada no respeito, na adesão e no entendimento da necessária obediência em comunhão com a hierarquia. Mas, para exercer a autoridade é preciso clareza e respeito, pois ao exercício da autoridade faz-se necessário que não se confunda liderança com chefia. A verdadeira autoridade é exercida pelo serviço e abertura as diversas propostas apresentadas.

Para que os fiéis assumam sua responsabilidade, faz-se necessário o incentivo para que haja rotatividade nas funções e serviços, de modo que floresçam novas frentes de trabalho e lideranças; deve-se promover maior abertura aos que podem e querem ajudar; pode-se promover a descentralização de estruturas e serviços, bem como a formação e valorização maior dos conselhos pastorais. De forma objetiva, precisa-se recuperar o significado da autoridade a luz do Evangelho de Cristo; superar o autoritarismo na Igreja em si; maior aceitação do divergente e diferente; desapego e ser realmente pastores na dimensão, ministerial e pastoral.

**QUESTÃO TEMÁTICA 9 - De modo sinodal, decide-se por um consenso que flui da obediência comum ao espírito. De que modo discernimos em conjunto e tomamos decisões na igreja? Como melhorar?**

---

Discernimos em conjunto e toma-se decisões na Igreja, sempre na escuta, no diálogo e a luz da formação cristã, da qual muitas coisas são assumidas e vivenciadas em consenso. Outras decisões chegam apenas das autoridades, as quais precisamos apenas colocá-la em prática. Discerne-se nas reuniões, com as pastorais e movimentos e junto as comunidades. Todavia, ainda se tem dificuldades nas comunidades mais antigas, que ficam presas ao secundário que não responde mais as necessidades do nosso tempo. Em certas ocasiões, há decisões que nunca são tomadas com a participação do laicato, e em situações por eles decididas, de alguma forma, são negligenciados por superiores. Ainda vemos na Igreja que estamos presos a esquemas, papéis e realidades que pesam e muito a estrutura da Igreja.

Melhoramos o discernimento comum na Igreja através da escuta à voz do Espírito que nos estimula a uma atitude de comunhão; valorizando os conselhos existentes na paróquia e descentralizando as decisões de uma ou outra pessoa e envolvendo o laicato nas mesmas. Também, faz-se importante que algumas autoridades religiosas e pastorais sejam maduras o suficiente, ao ponto de não apenas dispor ideias e ordens, mas vivê-las em comunhão, solidariedade e fraternidade e participação.

**QUESTÃO TEMÁTICA 10 - A mística do caminhar juntos deve formar a pessoa, o cristão, a família e a comunidade. Como formamos para o “caminhar juntos” os que assumem responsabilidades na Igreja?**

---

A formação para o “caminhar juntos” passa pela capacitação das pessoas, a fim de que saibam que o fato de estar em alguma coordenação ou ministério não os fazem melhores do que ninguém. Estas são apenas mais responsáveis nas suas condutas, enquanto cristãos leigos, padres ou bispos, pois estão sempre a serviço do povo. Há uma distância entre o estar na Igreja e o caminhar juntos, por isso é fundamental o combate ao clericalismo e o laicismo, para que a



maturidade de todos possa ter espaço para fazer acontecer a comunidades. Somente com um laicato e clero maduros será possível caminhar juntos.

A Igreja precisa melhorar sua atuação no que diz respeito a gestão de pessoas, pois muito se preocupa com o administrativo e financeiro, sendo que o mais importante é a pessoa. O discernimento sempre será a melhor resposta a este desafio, pois o caminho se faz por uma atração pessoal e posteriormente comunitária.

## Conclusão

Após o trabalho realizado neste processo de “escuta”, Fase Diocesana do Sínodo 2023, consideramos que, apesar de muitos desafios apresentados, “somos uma Igreja sinodal”. Todavia, falta-nos o aprimoramento do conceito de *sinodalidade*, que viabilize, profunda e verdadeiramente, sob o impulso do Espírito Santo, o sentido de participação, comunhão e missão na Igreja e com a Igreja. Para tal, precisamos de lideranças firmes, sejam elas religiosas ou leigas, mas sempre atentos a viver e testemunhar uma Igreja em saída, aproximando-se em tudo do exemplo das primeiras comunidades. E assim, como caminhos novos que se abrem a nossa frente, temos a necessidade de edificar as bases pastorais nos diversos âmbitos da Igreja, e a valorização das diversas expressões de piedade popular que fazem parte da fé, da vida e do coração nosso povo.

Caminhando, lado a lado, seja interna ou externamente com a Igreja, nem sempre todos têm a mesma compreensão do “estar juntos”, por isso, o testemunho de comunhão, parte verdadeiramente, daqueles que têm consigo o projeto salvífico de Jesus, e O professam convictamente. Mesmo diante dos desafios que nos rondam não devemos nos deixar levar pela fragmentação das ideias, dos projetos e objetivos. Caminham conosco neste objetivo, de forma direta, aqueles que estão mais diretamente ligados a nós, seja nas pastorais e movimentos eclesiais e estão conosco nos setores que acreditam e atuam para a construção de vida digna a serviço do Reino.

Todavia, apesar dos passos positivos de acolhimento, ainda ficam a margem muitos que vivem em situação de vulnerabilidade social ou que não se encaixam nos padrões e modelos da doutrina e da moral, os que não participam da comunidade eclesial etc. Há com isso a dificuldade em exercitar a escuta na Igreja, pois escuta-se apenas o que quer e o que for conveniente. Há pouco tempo para se escutar, sem contar os descasos, as impaciências, e os rigorismos para este ato. Mas na Igreja, escuta-se através de um contato direto pessoa a pessoa, através de encontros na comunidade, missas e celebrações. Todavia, há ainda preconceitos, vaidades dos que escutam e baixa autoestima dos que escutam. Há dificuldade no ouvir e acolher os jovens. A “Pastoral da Escuta” pode sanar esta dívida e dificuldades na comunicação na Igreja.

Vemos que a comunicação necessita atingir a comunidade no seu todo, principalmente com o avanço da tecnologia e das redes sociais, mas não se pode deixar que a comunicação caia no perigo da impessoalidade, visivelmente presente nas mídias sociais. Assim, as lideranças na comunidade, desempenham um protagonismo fundamental na construção de uma comunicação direta, que possibilita um despertar de consciências e até mesmo novas lideranças; também os conselhos pastorais nas diversas instâncias, tornam-se verdadeiros e privilegiados espaços de fraterna comunhão e comunicação nas comunidades, mas precisamos também de investimentos e formação à esta finalidade.

O “caminhar juntos” só será possível na escuta comunitária da Palavra e na Eucaristia; por isso, a Liturgia - expressão do mistério pascal de Cristo, precisa, em tudo, ser compreendida e assumida como fonte e ápice da fé da Igreja, principalmente tendo uma participação, frutuosa e consciente de todo o povo Deus. Superar a liturgia como algo improvisado, gostos pessoais e sentimentalismos, os achismos e os rubricismos, pode ser um dos primeiros passos a seguir. Mesmo que sejam poucos os batizados comprometidos a Igreja e seus objetivos, faz-se necessário despertá-los à consciência de uma maior responsabilidade e participação. Deve-se buscar a eliminação dos preconceitos e dos partidarismos, para que o protagonismo seja, de fato, assumido. Contudo, o apoio a missão dos que cristãos leigos e leigas que estão a serviço da Igreja na sociedade deve ser incentivado ainda mais, principalmente a partir dos pequenos grupos.

Dialogar solidariamente na Igreja e sociedade deve ser, a partir de um processo maduro e de verdadeira comunhão, mas não se desconsidere as barreiras e os limites em promovê-los. Neste sentido, as Campanhas da Fraternidade, têm sido um forte instrumento de diálogo com a sociedade. Internamente nas comunidades, as divergências no diálogo devem ser superadas através dos conselhos pastorais, viabilizando sempre e com tudo o diálogo.

Para além da Igreja, os poucos, ou quase nenhum fruto do ecumenismo são ainda desafiadores, embora existam muitos gestos concretos de comunhão, caridade, fraternidade, lutas por direitos e construção do Reino de Deus.

Sobre a autoridade na Igreja, esta, sempre que possível, é exercida de forma participativa, através da escuta atenciosa, na qual, todos são convidados à um posicionamento em comunhão com a hierarquia. Todavia, faz-se necessário promover a descentralização das estruturas e dos serviços, bem como a formação e a valorização maior dos conselhos pastorais. Em suma, precisa-se recuperar o significado da autoridade a luz do Evangelho de Cristo e superar toda forma de autoritarismo que deturpa a comunhão, a participação e a missão eclesial. O discernimento em comum das decisões na Igreja e com a Igreja são importantes e promovidos sempre na escuta e no diálogo, nas reuniões, com as pastorais e movimentos e comunidades. Mas não se desconsiderem as dificuldades.

Faz-se necessária a formação para o “caminhar juntos” deve ser em tudo, necessária e permanente. Caminhar juntos é muito mais do que apenas estar presente, pois há uma distância entre o estar na Igreja e o caminhar juntos. Neste nosso tempo, é de fundamental importância o combate ao clericalismo e ao laicismo, para que a maturidade de todos possa ter espaço para fazer acontecer a vida das comunidades. Somente com um laicato e um clero maduros será possível este “caminhar juntos”.

Contudo, apesar dos desafios enfrentados em todo o processo da Fase Diocesana do Sínodo 2023, acreditamos, acima de tudo no discernimento da Igreja, à luz do Espírito Santo, que molda a evangelização e seus rumos em cada momento da história. Colhemos muitas boas respostas que, estarão à disposição da Diocese para melhor entender e dispor caminhos a superação dos seus desafios pastorais.

Preocupa-nos, no entanto, a escuta seletiva e exclusivista de respostas à um olhar teológico ou sociológico, desvirtuando-o do *sensus fidelium*.

Diocese de Valença-RJ  
Coordenação Diocesana de Pastoral  
30 de Julho de 2022